

O FIM DA ESTÉTICA – DADAÍSMO E ARTE POP

Susana de Castro

RESUMO

Qual a relação entre arte e gosto popular? A obra de Danto nos mostra como a arte pop revolucionou a arte ao aproximar o objeto de arte dos objetos comuns. Neste trabalho são feitas as relações entre o dadaísmo e a arte pop mostrando-se as principais características dos dois movimentos.

Palavras chaves: arte pop, Andy Warhol, readymades

ABSTRACT

What is the relationship between art and popular taste? Danto's work shows us how pop art revolutionized the art when approached the art objects to the common objects. This work make relations between Dadaism and pop art, making clear the main features of the two movements.

Key-words: pop art, Andy Warhol, readymades

Segundo Arthur Danto (2006, p. 45), os readymades do dadaísta Marcel Duchamp representaram uma profunda desconexão entre arte e estética. Marcam o início do fim da era estética. Fim este que só se completaria cinquenta anos depois, com as caixas de Brillo Box do artista pop Andy Warhol.

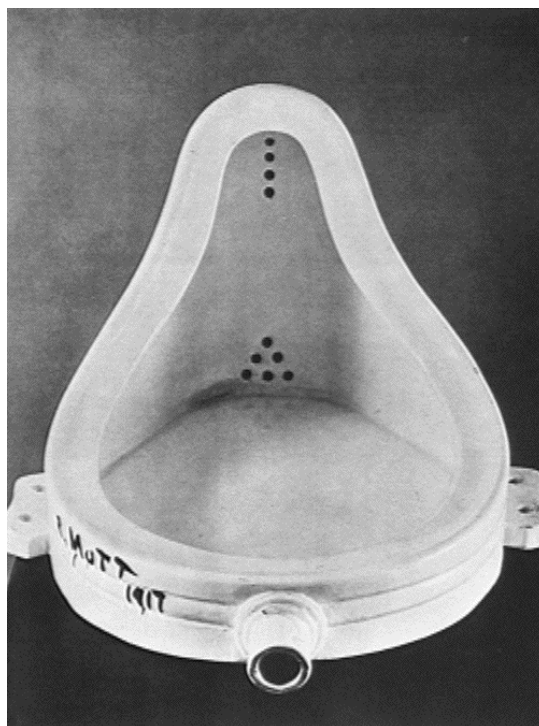
Para os dadaístas, de maneira geral, a ideia de uma arte pura, voltada para a apresentação e contemplação do belo, não fazia mais sentido, face os horrores da Primeira Grande Guerra (1914-1918). Como continuar a dedicar-se a retratar o belo, captar o efêmero, expressar os sentimentos, quando as potências europeias levavam para o front de batalha 65 milhões de soldados, dos quais 20 milhões não saíam vivos da guerra? A Guerra pôs em questão o compromisso ético do artista de continuar a agradar uma sociedade com suas obras, quando a elite que apreciava e comprava suas obras era a mesma responsável pela morte de milhares de pessoas. Não poderia haver desconexão entre arte e sociedade. Neste momento de caos moral, não haveria mais espaço para arte. O máximo que se poderia fazer, seria criar peças fortuitas, produzidas ao acaso, e feitas para terem vida curta e não para mofarem nos museus. É com este espírito rebelde e irreverente que Marcel Duchamp cria, entre 1913 e 1915, seus readymades. Peças criadas a partir de objetos comuns do cotidiano às quais Duchamp atribuía um novo

sentindo ou sentido algum. Duchamp põe em xeque a imagem do artista romântico inspirado que cria a partir da sua própria imaginação, em meio à solidão e ao sofrimento. A arte podia ser feita com qualquer coisa desde que expressasse o olhar crítico do artista. As obras de Duchamp eram feitas a partir de produtos manufaturados. O que os *transformava* em obra de arte, era apenas uma ideia, o conceito introduzido pelo artista na obra. A partir do momento em que ele escolhe o produto entre tantos outros, dá-lhe um nome, ele deixou de ser um exemplar, entre vários do mesmo tipo, para tornar-se outra coisa.

Ao deslocar os produtos manufaturados de seu espaço original e inverter sua disposição, como nas obras Fonte e Roda, Duchamp impregna de ironia os símbolos do avanço da civilização ocidental.



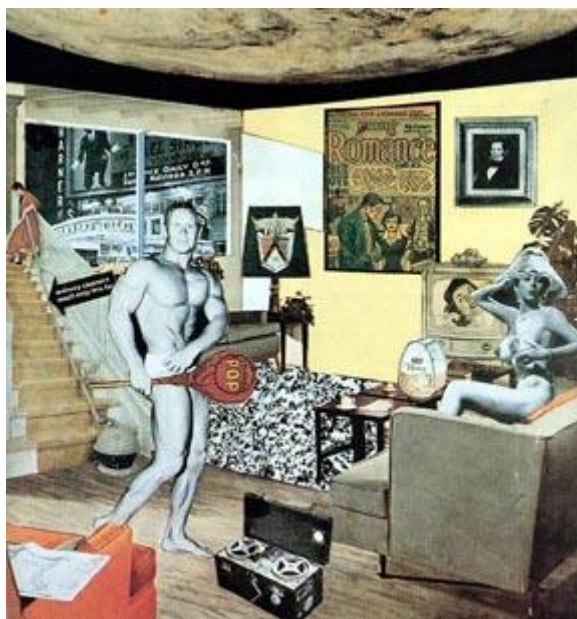
Roda (1913)



Fonte (1917)

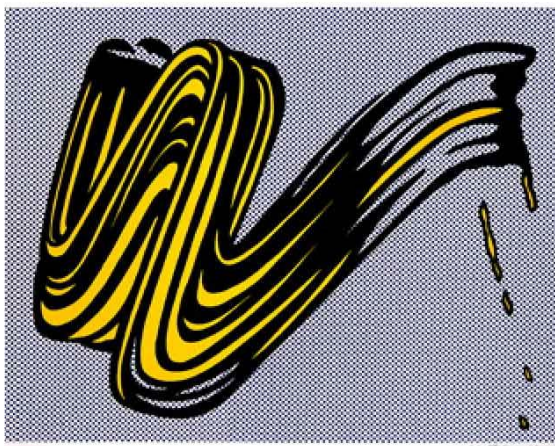
Da mesma forma como Duchamp com seus readymades dialogava criticamente com a sociedade belicista de sua época, os artistas pop da segunda metade do século XX insistiam que a arte deveria dialogar com a cultura de massa contemporânea. Os artistas pop, chamados, por alguns, de neodadas ou neorrealistas, dialogavam em suas obras de maneira irônica com a sociedade de consumo que surgia após a Segunda Guerra Mundial. O contraste entre o racionamento e a escassez do período entre as duas grandes guerras, e durante as guerras, e a abundância do pós-guerra, a intensificação da presença dos meios de comunicação de massa, como o cinema, a televisão e as revistas de grande circulação, na vida do cidadão comum, a invasão maciça da propaganda como mecanismo de criação de desejo de consumo, entre outras coisas, modificaram profundamente a sociedade americana e inglesa, locais de origem da arte pop¹. A obra de Eduardo Paolozzi, *É um fato psicológico que o prazer melhora a sua disposição*, de 1948, marca o começo dessa nossa sensibilidade estética.

¹ David McCarthy (2004) situa o trabalho dos ingleses ligados ao coletivo The independent group, como Richard Hamilton, Eduardo Paolozzi, Peter Black, entre outros, como os precursores do movimento na Inglaterra na década de 50.



Eduardo Paolozzi, *É um fato psicológico que o prazer melhora a sua disposição* (1948)

Antenados com as suas sociedades e impregnados pelas imagens de seus produtos, como eletrodomésticos, comida enlatada, revistas em quadrinhos, filmes, fotografias, os artistas não podiam deixar de retratar em suas obras esse ‘novo’ espírito, hedonista, urbano. Mas com esta aproximação entre propaganda, consumo, vida urbana e arte, os artistas pop amplificaram a concepção dadaísta de que a arte não poderia estar separada da vida. De um lado, compartilhavam como o dadaísmo da desmistificação do artista. Este não era mais considerado como alguém especial que estaria em contato com as fontes únicas do ser. Ao contrário, porque se apropriavam de imagens veiculadas nos meios de comunicação de massa, os artistas pop questionavam a ideia da manipulação única dos materiais na obra. A obra de Roy Lichtenstein, *Pincelada* (1965) é uma paródia dessa concepção romântica da obra de arte como resultado exclusivo da ação do artista.



Roy Lichtenstein, *Pincelada* (1965)

O movimento artístico que antecedeu o nascimento do pop da década de sessenta nos EUA, foi o expressionismo abstrato, representado, entre outros, por Jackson Pollock. As obras destes artistas, além de abstratas, eram marcadas por um estilo chamado de gestual, pois nelas se podia perceber a marca da ação da pincelada do artista. Nelas a presença do artista ficava em primeiro plano, sua marca era inconfundível.



Jackson Pollock, *Convergence*, 1952

Um outro aspecto que distinguia a arte pop do expressionismo abstrato era o uso de técnicas de reprodução da imagem, como a serigrafia, o que tornavam a obra ainda menos 'original'. Essa técnica foi utilizada por Andy Warhol e Roy Lichtenstein, entre outros. Os artistas pop utilizavam-se de fotos de revistas, imagens de histórias em quadrinhos, fotografias de artistas famosos, e com essa reprodução de algo já existente, criavam ao mesmo tempo um reconhecimento e um estranhamento, pois as imagens estavam deslocadas de seu local original. A imagem original, saturada pela sua exposição em massa, era facilmente reconhecida pelo apreciador da obra. Esse

reconhecimento imediato servia como um veículo de aproximação direta do espectador com a obra. Por outro lado, a repetição da imagem da mídia na obra de arte e o seu reconhecimento provocavam o efeito de ‘espelho’. Aqueles eram produtos e imagens do tempo presente.



Ainda que, em larga medida, a arte pop possa não ter tido o mesmo espírito não conformista e anti-burguês do dadaísmo, pois não questionava diretamente a transformação da sociedade em uma sociedade do lazer, e dos cidadãos em consumidores, por outro lado, ao aproximar suas obras da sensibilidade da época, sensibilidade esta marcada pela ‘estética do descartável’, os artistas pop seguiam a ‘filosofia’ de arte dadaísta, na medida em que quebravam a separação entre gosto popular e gosto refinado, entra arte popular e arte refinada. Diferente do expressionismo abstrato, gestual, não realista, que convidava seus apreciadores a uma experiência quase religiosa com a arte, os artistas pop trouxeram a arte da rua, de massa para dentro da esfera exclusiva das belas artes.

Em várias de suas obras, Arthur C. Danto reitera a importância dos quadros e esculturas de Andy Warhol para a filosofia da arte. Desde Platão, perguntava-se “o que é arte?”, desde Warhol, a pergunta da filosofia da arte é “o que faz com que dois objetos indiscerníveis do ponto de vista material e ótico possam, no entanto, ser diferentes? Um ser arte e o outro não?”. Somente com essa segunda formulação, continua Danto, podemos fazer verdadeiramente filosofia da arte. O marco referencial para essa mudança é a exposição em 1964 na Galeria Stable em Nova Iorque das caixas de Brillo

Box de Warhol. As caixas empilhadas com a logomarca da esponja Brillo como se estivessem no armazém do supermercado à espera de serem abertas e seus produtos colocados nas prateleiras, não se diferenciavam em nada das caixas originais de empacotamento, a não ser pelo material, de madeira e não de cartão.



Enquanto o objeto comum serve a finalidades práticas, o objeto de arte está carregado de significado. Interpretá-lo implica recorrer a uma série de ocorrências culturais e biográficas. É nesse sentido que a arte no sentido figurativo e belo morre definitivamente, e o que resta é apenas a arte que se pensa a si mesma e aos símbolos culturais que cercam a época do artista.

Essa transformação da arte pela arte pop, sua ruptura com as barreiras entre a arte popular e a as belas artes, refletia uma transformação profunda na sociedade. A *pop art* representou o rompimento com o espírito do modernismo (Danto, 2009, p. 31; Wyss, 2004, p. 21), que não admitia a mistura de estilos, tendências, motivos e orientações. É evidente que outras correntes e estilos artísticos, como, por exemplo, o cubismo, já operavam com as coisas redundantes do cotidiano, como bule de café, garrafas, instrumentos musicais. Também o dadaísmo questionava propositadamente o bom-gosto com peças provocativas e efêmeras. Porém, tanto o cubismo, quanto o dadaísmo representam movimentos de vanguardas. Seus representantes consideravam-se os eleitos da arte, aqueles que traçariam o caminho mais verdadeiro das artes do futuro. Ainda que possamos dizer que a pintura pop foi precursora de um novo caminho nas artes, não seria correto identificar artistas como Andy Warhol com propostas vanguardistas, pois sua obra é o avesso da ideia do artista como o interlocutor especial com os sentidos mais puros da arte. Sua obra quer propositadamente seguir o gosto popular e suas ideias

não objetivam projetar na obra uma subjetividade profunda do artista. No caso de Warhol a técnica da serigrafia utilizada em muitas de suas obras lhe permitiu imprimir justamente o sentimento de alheamento e indiferença que as aproximam de uma obra industrial, produzida e reproduzida mecanicamente, quase sem a intervenção direta da mão direta do artista. Como Warhol disse algumas vezes, sua vontade era a de aproximar cada vez mais a sua produção artística da industrial e comercial, e transformar-se ele mesmo em uma máquina. Mas ainda que tenha se distanciado do ideal do artista engajado com uma busca muito especial de sentido, podemos dizer que sua obra e sua *persona* revolucionaram o mundo das artes e da sociedade de tal maneira que ainda que a pintura pop tenha acabado nos anos 60 e cedido lugar para outras correntes, a nossa era ainda é a era de Andy Warhol, pois sua *persona* perdurou como um ícone que marcou o comportamento da sociedade americana de uma maneira geral (Danto, 2009, p.x, p.4). Ele ampliou bastante o universo dos cultivadores da arte. Ele se tornou conhecido entre pessoas que sabiam pouca coisa sobre arte. De certa maneira ampliou bastante o alcance da arte, retirando-a do domínio exclusivo dos museus. Quando em 1965, o Instituto de Arte Contemporânea da Universidade da Pensilvânia inaugurou uma retrospectiva de sua obra, uma multidão de pelo menos duas mil pessoas apareceu, não para ver a exposição, mas para encontrá-lo pessoalmente. Como os artistas de uma banca de rock famosa, ele e seus amigos tiveram que se refugiar no teto do prédio.

REFERÊNCIAS

- DANTO, Arthur C. **The abuse of beauty. Aesthetics and the Concept of Art.** Chicago: Open Court, 2006 (4 reimpressão)
- _____. **Andy Warhol.** New Haven & Londres: Yale University Press, 2009.
- _____. **The Transfiguration of the Commonplace, a philosophy of art.** Cambridge, Londres: Harvard University Press, 1981.
- McCarthy, David. **Arte Pop.** São Paulo: Cosac Naify, 2004 (2a reimpressão).